ILUSTRAÇÃO

4.º ANO
NÚMERO 87

Lisboa, 1 de Agosto de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4$00

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 87

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

1 DE AGÔSTO DE 1929

PRAIAS... «DERNIER CRI» — EM TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO, ORGANIZAVAM-SE VILEGIATURAS QUE, INVADINDO AS PRAIAS, TINHAM POR FITO APROVEITAR OS TERAPÊUTICOS «BANHOS DE MAR». HOJE, EM VEZ DE «TOMAR BANHOS», NAS PRAIAS DE TODO O MUNDO, «TOMAM-SE... *coisas*»... É O QUE FAZ A GENTIL «DIVETTE» BEATRIZ COSTA, SURPREENDIDA POR SALAZAR DENIS NUM REPASTO ABUNDANTE À BEIRA-MAR, NUMA PRAIA ARISTOCRÁTICA DA COSTA DO SOL

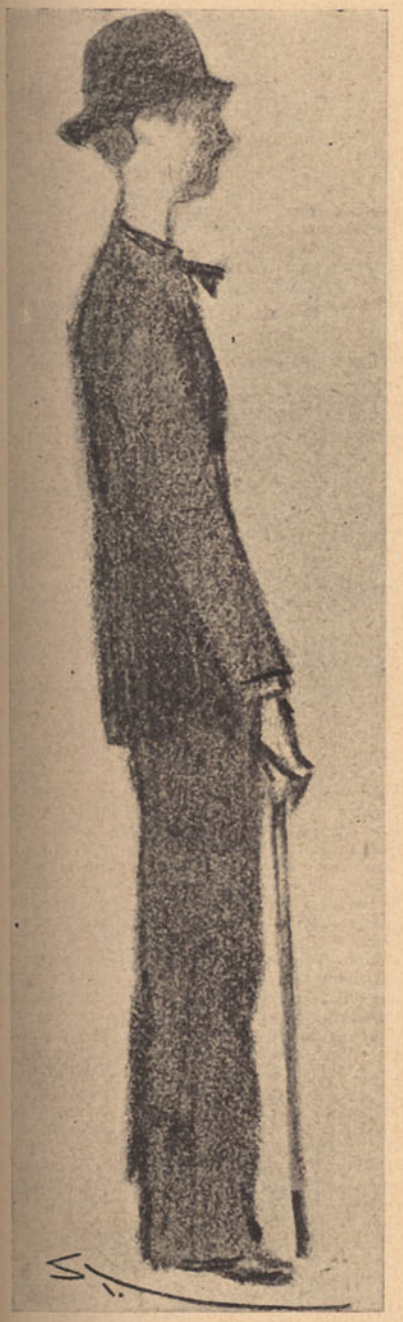
RECORDAÇÕES DA GERAÇÃO "FUTURISTA,,...

AS HISTÓRIAS DO SANTA RITA PINTOR

POR REPORTER X

DESENHOS DE STUART

A REDACÇÃO DE «A CAPITAL» EM 1915 — O CONGRESSO DO JANSEN — OS «FUTURISTAS» — O ÓDIO DE SANTA-RITA — OS CACETEIROS — O ENGENHEIRO PRODÍGIO — A ÚLTIMA FACÉCIA



Santa Rita — Pintor

Naquele fim de tarde, morno e luminoso, de Agosto, na redacção de *A Capital* havia grande parada de pessoal. Nenhuma outra gazeta podia basofiar de igual elenco de jornalistas. Era um autêntico viveiro de «azes»...

Êles vão desfilar... O perfil chato e narigudo de André Brun; Avelino de Almeida, de cabeça ligeiramente tombada, uma ponta do lenço entre os dentes, scismando, com iris azuis fixas no papel; Hermano Neves, precocemente obeso, olhos bogalhudos, enrolando, com as unhas roídas, o cigarro «Francês»; Júlio Dantas que então agitava o rodapé do jornal com o filme literário e histórico de «A Pátria Portuguesa», mordendo o lábio inferior, num *tic* muito seu e cavaqueando com Sousa Costa — agigantado, moreno, nervoso, os cabelos alisados para a testa, numa franja no estilo do Conde de Arnoso; Herculano Nunes, da cartomância política, balxote, a cabeça irrequieta, ejaculando fumo pelas narinas dilatadas; o dr. Joaquim Manso, da «Poeira da Arcada», lábios comprimidos como se estivesse chupando um rebuçado, os músculos faciais vibrando sempre, os olhos míopes contemplando o soalho; Adelino Mendes, espadando, pescoço baixo e forte, pulsos largos, braços abertos, como asas, sôbre a secretária, a caneta num *à la charge* vertiginoso sôbre os linguados; Mayer Garção, bamboleante, mãos cruzadas atrás das costas, eloqüente nas palestras como nos «fundos», a eterna «Marselhesa» em prosa, casquinando longas risadas, com os dentes mui brancos, mui cerrados; o dr. José Pontes, optimista, esbracejante, falando sempre e picando a sua conversa com repetidos: «Eh! Rapazes!»...

Era a hora de fechar o diário... Pela janela aberta sôbre a Praça Luís de Camões entrava o éco da canção chilreada pelos pardaes, que copavam alegremente as árvores. Da tipografia vinha o ruído matraqueado do martelo da paginação... E Manuel Guimarães, o director, alto, estranho, oficial de quarto na ponte da pilotagem, passeava, isolado, de um extremo ao outro da sala, num vai-vem de quilométricas passadas.

Súbito, Garibaldi Falcão, desdentado, mechido, de rosto ponteagudo por uma perita negra e satânica, topou, folheando a agenda, com um apontamento esquêcido nos boletins de serviço:

— «Grande Congresso de artistas e escritores da nova geração para protestar contra a modorra a que os velhos os obrigam» — leu o secretário de redacção, fanhosamente...

Houve logo fogueiame de comentários depreciativos: «Ora os futuristas;» «Os meninos a brincar». «Os pinta-monos alienados e os prosadores de estilo caricatural!»

— E quem assina o convite? — indagou alguém.

— José Pacheco, Almada Negreiros, Rui Coelho e Santa Rita...

Nova fusilaria... Malucos! Intrujões! Bébés malcreados do «Orfeu»!

Manuel Guimarães estaca no meio da redacção; suspira fundo e alva os olhos, numa expressão de esmagadora fadiga, como era seu hábito, sempre que inaugurava um diálogo, após um período de silêncio. E indiferente ao arame farpado que já se desbobinava em redor da notícia, investigou:

— Quando é?

Mário de Sá Carneiro

— Esta noite, às nove horas...
— Onde?
— Na Cervejaria Jansen.

Reflectiu; desenlaçou as mãos, espetou o indicador em direcção à banca onde eu rabiscava, a suar, uma entrevista; e tornando a suspirar fundo, a gemer e a alvar os olhos, ordenou:

— Reinaldo... Vá você lá... Ouça o que êles disserem... Você é um garoto como êles... Devem entender-se... Faça depois meia coluna... Mas nada de vocábulos extravagantes... Se não irá tudo para o cesto dos papéis...

E depois, como a explicar a si próprio as razões porque se interessava pelo Congresso, murmurou:

— Devem ser pitorescas as reclamações dos futuristas...

* * *

Às nove em ponto entrava no Jansen. O Jansen não se aperaltava ainda com os modernos criados encasacados. Era então um típico refúgio da mocidade do Chiado em harmonia com as tradições elegantes e literárias do século passado. Corria uma frescura consoladora sob as abóbadas da vasta sala de soalho axadresado. Dava, simultâneamente, a impressão de uma dependência conventual, duma cervejaria de Munich e de um *rendez-vous* de «vencidos da vida». O Eça, o Ramalho, o Junqueiro deviam tê-lo freqüentado na sua época...

O único creado, um velho pançudo de aspecto germânico, bonacheirão, bigodeira branca e olhos agarotados, servia-nos de casaco e avental branco. Chiavam na cozinha os bifes afamados, especialidade da casa. As canecas emplumadas de espuma batiam nos mármores das mesas, orquestrando com os écos prolongados das palestras...

Entrei no *Jansen*, impando com a missão inesperada da minha reportagem. Ainda não fizera dezoito anos; mergulhara nas letras e no jornalismo dum salto leviano do instinto; êsse instinto, por aguçar e por educar, fizera-me um simpatizante dos novos scismas das artes e da literatura; acreditava neles numa fé ainda irraciocinada, mas vindo da burguezia preconceituosa e afastada da pista dos conflitos intelectuais — não tivera ainda o menor contacto com as guerrilhas audazes da minha geração. E Manuel Guimarães facilitara-me o encontro, encarregando-me da reportagem daquele despretencioso congresso de «futuristas»...

Naquela época todos os dissidentes da monotonia ritual das artes e das letras eram acusados de futurismo pela Inquisição dos Dogmas comodistas e retrógrados; e ser futurista era rotular-se a si próprio de Ridículo, de Louco e de Indesejável. Um novo côro de côres ou uma frase nova ou mesmo um neologismo rútilo e eloqüente, mas pouco usado bastava para irritar, para que os familiares do Santo Ofício do

José de Almada Negreiros, poeta e príncipe dos desenhistas portugueses

Estabelecido devassassem o cérebro do ateu da Velha Beleza e para que o esturrassem no auto-fé da troça ou do silêncio.

E todos os rapazes da geração que tinham aquècido o sangue da guelra no contraste entre as evoluções galopantes dos outros países e a sonolência do nosso; que formavam o esquadrão de *hussares* das novas idéas, mantinham esperança de triunfo e de prémio em vida. Tão cegos estavam no misticismo da sua missão e no gôso de desvirginarem os novos horizontes que não viam o risco da sua ousadia.

Tôda essa geração, geração de primeira linha, de primeira trincheira, foi sacrificada no circo romano dos Cesares velhos. As idéas e os princípios que êles abraçaram triunfaram — mas êsse triunfo que hoje suavisa a marcha da geração que lhe sucede já não os pode ressuscitar dos ventres das feras que os devoraram. Foi e será sempre assim, e em todos os terrenos da luta. Os mais valentes soldados, os da avançada caem irremediávelmente; mas deixam as fileiras inimigas brechada de clareiras por onde os outros, os que veem atrás, hão de passar...

Os rítmos, o processo de litografar as visões pelas imagens irritantes; a expulsão dos lugares comuns; o desprêso dos desenhos e das côres realistas pela nova música cubista; pelas novas partituras do arco iris que há quinze anos eram um insulto para a maioria — hoje são exigidos por essa mesma maioria que se consola em viver envolvida nesses caprichos de beleza. Os industriais, as leitoras ingénuas, os catitas da elegância burgueza, os fundadores de novas côres — já não aceitam modelos de cartazes, capas de livros, gravatas, móveis, papel para forrar a casa que não obedeçam aos estilos e à decoração modernas. É este o diagnóstico insofismável da vitória! Qual foi o filho de merceeiro de 1914 que não gargalhou papalvamente dos quadros das exposições avançadas da época? E são êsses mesmos filhos de merceeiro que hoje preferem os *cache-cols* desenhados e coloridos pelo estilo desprezado há 15 anos!

E isto no jornalismo, no romance, nas artes plásticas, no teatro, no guarda-roupa, na decoração caseira! Vitória absoluta! E quem se aproveita dessa vitória? Os iniciadores? Não! Os outros, os que fizeram a segunda *à la charge*. Os das primeiras trincheiras, ficaram pelo caminho, mortos uns, mutilados outros, e todos sacrificados.

* * *

Foi nesse Congresso de Protesto dos Futuristas que eu me relacionei com os franco-atiradores da minha geração... Estavam lá todos... Mário Sá Carneiro, o fundador do «Orfeu», gorducho, de cabelo apartado ao meio, bigodinho negro, autor, anos antes dum poema em que previa o seu suicídio «numa cidade cheia de nevoeiro, dum país do norte» — o que anos depois estoirou o crâneo com uma bala, no seu *appartement* romântico de Paris, não sei se pela houradez de não pagar uma letra romântica, se por enfartadela da estupidez alheia; o Ferreira Gomes, miudo, olhos glaucos, fatais, peito artificialmente côncavo, as mãos encafuadas nos bolsos das calças, um *dilettante* de imitação das cabeças literárias, ora deixando crescer a barba e penteando-se, a recordar Alfredo de Musset, ora amputando o bigode até se transformar num Edgar Pôe, em miniatura — o seu autor predilecto; António Soares, franzino, falsamente fleumático, a dentadura mal coberta pelos lábios finos, o indicador sempre curvado em sacudidelas sôbre a cinza do cigarro; o Jorge Barradas, o «Barradinhas», elegância cinematográfica, olhos azuis, cabeleira alourada e recorte craneano recordando a sua ascendência inglesa; o Viana, o «decadente», cheio de saúde e de pujança, torax inchado de lutador romano, e as mãos a repucharem o cinto das calças, num gesto amarialvado; o «Stuart», o maior caricaturista da geração, o terno estilizador da garotada, dos «Quins» e dos «Manecas», o sensual modelador de pernas de mulher, pleben, bezuntão, a barba sempre crescida, o colarinho sempre sujo, os pés metidos para dentro; o Rui Cuelho, germânico, de guedelha à *Herr Professor!*, óculos de pequenos cristais sempre mechidos e acertados pelos seus dedos nervosos; o José Pacheco, parisiense, *bar-gluck*, magro, enluvado, arlequim dos grandes projectos do ópio, vestido pelas modas da alfaiataria que ainda não chegou a Portugal; o Correia da Costa, ribatejano ambicioso, a resumir todos os seus cálculos literários no sonho de caricaturista oral, para que fique dêle um repertório volumoso de anedotas e de «touchés» sensacionais e maldizentes...; e o Santa Rita, pintor que...

* * *

É com Santa Rita, pintor, que eu quero preambular esta série de registos de magnézios do espírito da minha geração; das pilhas alegres da antropometria de um grupo de rapazes a quem se deve a europarisação do Portugal do século XX e que, sacrificados, ficaram sob a ameaça do esquecimento ingrato e injusto, na balburdia confusa do cemitério da sua grande guerra — soldados desconhecidos sem homenagem.

Santa Rita, pintor, inicia a série, porque o valorisam tôdas as características de um specimen. Poderia, com alguma paciência, juntar as economias da sua herança artística e com elas tecer um ensaio sôbre a sua obra. Mas a grande

Jorge Barradas

José Paxeko

Fernando Pessoa — Álvaro de Campos

obra de Santa Rita, pintor, como aliás a de tôda a soldadesca da legião a que pertencia, não está nos trabalhos materiais realizados: reside nos episódios aventureiros do espírito, nas façanhas extra-«atelier», nas sortidas de guerrilha, na valentia das suas proesas isoladas e pessoais — que foi o que apavorou o adversário e o venceu.

Santa Rita pintor, viveu larga temporada em Paris avisinhado com os artistas mais excêntricos que já formavam, em França, a terceira geração das novas escolas. E já em Paris êle se salientava, histrionicamente, preparando-se para representar na vida a obra de *blague*, de *chacota*, de *baionelada* risonha de que o seu espírito era autor e o seu corpo actor.

Quando apareceu em Lisboa, no regresso dêsse exílio, tiveram mêdo dêle como de uma descida à terra de um fantasma. Era o papão das crianças que vinham à Baixa, dependuradas na mão da mamã, às compras do Grandela e do Chiado.

Alto, magro, da magreza aflitiva de um galgo, costas abauladas, pescoço de galináceo mal segurando a cabeça que tombava sôbre o peito; as espáduas a salientarem-se sob o casaco, como triângulos de madeira — dava a impressão dum poste de iluminação com o globo suspenso... O rosto escaveirado, estreito, longo; os cabelos apartados ao meio e caídos sôbre as orelhas — e todo trajado de negro... Negro era o chapéu, enterrado até à nuca, negras eram as luvas, a camisa, a gravata, as polainas, as botas... Arrastava-se pela rua como se fôsse entornado por um frasco imóvel de tinta de Nankin... Abriam-se clareiras à passagem — como se temessem que êle pusesse nódoa ou pingasse da negrura da sua pincelada.

Ignoro quantos quadros pintou — daquelas suas telas feitas para azedar a digestão burguesa em que êle até pedaços de sêda colava, entre a bizarria alucinada dos coloridos e das formas; sei sim que os quadros da sua obra vivida se contam por centenas.

Inventava as histórias mais inverosímeis, onde muitas vezes a tragédia se dilatava como reflectida num espelho côncavo — sem que, por isso, deixasse de ser tragédia — e contava-as numa atitude, monosilabando muito as palavras, arregalando os olhos, desenterrando a voz de profundidades insondáveis do seu sêr — como um «medium» em transe.

Um dia desabafou, numa roda de amigos, a sua cólera justificada contra a maldade de um companheiro, um poltrão hipócrita e velhaco, um Eusebiosinho enfermiço e complicativo.

— Mato-o! Mato-o! — ameaçava Santa Rita fechando o punho ossudo sôbre a mesa. Oh! Se o mato!

Houve um do grupo que o tomou a sério; e conhecendo a absoluta ou aparente falta de energia do pintor, comentou:

— Ora adeus! Tu és lá capaz de fazer mal a uma mosca!

— Não digas isso! Juro que dou cabo dêle...

— Pois sim... E como vais tu assassiná-lo?

— Escondo-me, à noite, num vão do corredor e quando êle entrar em casa e passar perto de mim faço-lhe: «Béo! Béo-béo!», e tenho a certeza que êle cai para o lado, fulminado...

Uma vez constára que êle, por espírito de contradição, declamava umas acusações políticas bastante graves para a sensibilidade da época. Abancára a uma mesa da «Brasileira» e vieram avisá-lo que três caceteiros o aguardavam à porta para o sovar rijamente. No primeiro instante Santa Rita perturbou-se... Êle nem o sôco sabia esgrimir, e o seu corpo, enfraquecido e diafano, ficaria de certo dolorosamente abalado se o medissem a palmo de bengala... Mas logo reconquistou a serenidade e foi buscar ao bazar do seu humorismo a droga de espírito que devia fazer o milágre. Ergueu-se e abordou os três marmanjões que o espreitavam, com olhares ameaçadores, de entre portas:

— São os cavalheiros que estão esperando o pintor Santa Rita para lhe pregar uma sova?... — indagou com a voz aflantada que usava nestas ocasiões.

Os três entreolhavam-se surpreendidos. Um dêles, dando um passo, como se tomasse a pregunta como basófia de desafio, respondeu:

— Somos... e quê?

— Os cavalheiros estão mal informados... Isso foi partida que algum maroto lhes pregou... O Santa Rita pintor não existe...

E batendo com as mãos espalmadas no peito estreitíssimo e ossudo, concluiu:

— Isto que os cavalheiros vêem aqui é tudo roupa... Existem sim, o sobretudo, o casaco, o colete, a camisa, as camisolas de Santa Rita... Mas o Santa Rita, pròpriamente dito, não existe...

Pavoneava-se (e pavoneia-se ainda) pelas colunas dos jornais lisboetas e pelas ruas e cafés da capital um gazeteiro emplumado de vaidades descabidas e esverdeado pelo azedume insolente que considera como legítima *révanche* contra os que, por inveja, teimam em não lhe reconhecer um génio, quimicamente puro. O citado jornalista goza há muitos anos da justificada fama de um imbeciloide acretinado e com uma lacuna total de educação.

Uma tarde, encostava-se a uma montra da Havaneza o citado escriba, retorcendo as guias da bigodeira kaiseresca quando passou Santa Rita acompanhado por alguém que se tratava com o jornalista e que o saüdou:

— Adeus, ó Fulano...

Santa Rita ao escutar o nome do jornalista, teve um sobresalto, dilatou os olhos e dirigindo-se-lhe, inquiriu:

— V. Ex.ª é que é o célebre e ilustre escritor Fulano?

O abordado, endireitou-se, sem saber se devia lançar aquela adjectivação a que estava pouco acostumado, à chacota ou à loucura.

— Pois não sabe V. Ex.ª há quanto tempo eu ambicionava conhecê-lo... É que nós sômos parentes, frutos modernos de uma comprídissima ramada gloriosa... E era precisamente sôbre êste assunto, para lhe revelar algo que muito o deve interessar que eu pretendia travar relações com V. Ex.ª...

O outro ficou-se, cada vez mais suspeitoso — mas ao mesmo tempo dominado pela sugestão quási sobrenatural que Santa Rita punha em todos os seus discursos. E Santa Rita prosseguiu:

— As nossas famílias são de Barcelos...

— Perdão! Eu sou do Algarve.

— Somos de Barcelos, já disse!!!

E atremolando a voz explicou:

— Em 1325 veiu estabelecer-se em Barcelos uma família aragonesa de apelido Vasquez. Era essa família composta por um matrimónio e oito filhos. O mais velho, D. Jaime, casou-se com D. Leonor Sanchez e teve cinco filhos; o mais velho fêz-se marinheiro e...

E durante meia hora Santa Rita, em voz lenta e declamatória, caminhou através dos séculos, narrando sôbre a biografia dos descendentes do filho mais velho do casal aragonês, desde 1325 até...

— ...Até que, em 1895, o dr. Luís Novais Vasques Sequeira, ilustre advogado, tataraneto do D. Jaime, se casou com D. Constança Pais de Aguiar, tendo dois filhos, sendo um vivo e professor da Universidade de Coimbra.

«O segundo filho dos Vasquez, D. Pablo, casou em 1344 com D. Urraca Godinho, e teve cinco filhos...»

E ei-lo de novo a prefurar aquela sombra de quási seis séculos, acompanhando tôda a história dos descendentes de D. Pablo até à actualidade...

— O terceiro filho do casal aragonês, D. Manuel Vasquez, casou-se em 1347...

Anoitecera; e o jornalista cretino e impertinente, sem coragem para interromper a fonografia do pintor, olhava, aflitivamente, para o relógio da Mundial; remechia-se, nervoso e angustiado; suava como uma bica, metia os dedos entre os colarinhos e o pescoço como se perigasse morrer asfixiado.

E Santa Rita continuava:

— O quinto filho do Vasquez, D. Rodrigo...

Calou-se; franziu o rosto, numa súbita mu-

Augusto Ferreira Gomes

Raúl Leal, «Prince de la Mort»

dança de expressão, e indignado, colérico, revoltado, exclamou:

— Arre! É preciso ser muito burro!

O outro pulou como se tivesse recebido uma chicotada, e inquiriu:

— Que diz o senhor!

— Que hei-de dizer! Tenho contado esta história da família dos Vasquez aragoneses a dezenas de pessôas — e ninguém até hoje quis que eu passasse da biografia do segundo filho. Eu já vou no quarto e o senhor ainda se preparava para a ouvir até ao fim! É preciso sêr imbecil de todo!

Recem-chegava a Lisboa um *fils-à-papa*, menino prodígio que se formára em engenharia na Bélgica e que andava pelos cafés exibindo-se como um Pacheco de máquinas julioverneschas — todo aperaltado num dandismo pretencioso e irritante. Uma manhã em que Santa Rita pagava, no «Royal» do Cais do Sodré, o seu chá e torradas, desapertando a longa meia de mulher onde costumava trazer o dinheiro — um conhecido apresentou-os.

— O Santa Rita... O sr. Cicrano...

— Muito prazer... — murmurou o outro entre salamaleques... V. Ex.ª é...?

— Sou pintor. E V. Ex.ª?

— Engenheiro.

— Ah! Engenheiro! Tem graça... Eu ando precisamente, há mais de dois anos, estudando uma máquina que deve revolucionar tôda a engenharia moderna.

E ante os olhares arremelgados do menino prodígio, Santa Rita desenterrou do colete um lápis enorme e começou a desenhar, sôbre a pedra da mesa, roda dentada, correias, cilindros, bobines...

— Liga-se êste tubo à caldeira — explicava. — Depois, traz-se a fôrça motriz, multiplicada, para êste engenho, que por sua vez...

E durante um longo quarto de hora rabiscou, traçou, fêz cálculos, rodelas, previu desequilíbrios, gastos, intensificações — sempre seguido pela atenção atontada do menino Cicrano. E ao terminar, o menino Cicrano limpou a um lenço de sêda a fronte húmida — e preguntou, com a gravidade de quem ousa dirigir uma interrogação ao mestre:

— E essa máquina que V. Ex.ª, sr. Santa Rita, me citou, serve para...?

O pintor encolheu os ombros, prefixou o olhar, e numa confidência, confessou:

— É o que me falta descobrir! Para que diabo há-de servir esta máquina!!!

* * *

O admirável Stuart de Carvalhais teve a etiquetá-lo, durante muitos anos, a fama, aliás saborosamente merecida, de Tenório *à la minute*. E esta celebridade espantava quem só o conhecia de aparência e o via desmazelado, indiferente com a sua pessoa, botas por engraxar, barba por fazer, as unhas por cuidar...

Certa vez, pontificava Santa Rita numa *peña* de amigos, recordando episódios da sua vida parisiense — quando da mesa se abeirou, descuidado como um garoto, o bom do Stuart. Santa Rita cala-se; fita-o; muda de atitude e de voz — e Stuart estremece. Êle bem sabia o que significava aquela metamorfose; êle bem pressentia que a vítima da *blague* da tarde seria a sua pessoa.

— Aqui está um portuguesinho valente — começou Santa Rita — dos que deram brado em Paris, nisto de conquistas... E que sorte que tinha o maganão! Boca onde êle pusesse os olhos, os lábios vinham logo pilhal-a! Hei-de lembrar-me sempre dum episódio sintomático... Eu lhes conto...

Calou-se a tomar fôlego sob o olhar vigilante e assustado de Stuart que procurava, em vão, um pretexto para se escapulir.

— Eu costumava ir tôdas as manhãs ao *atelier* do Stuart — um admirável refúgio para um artista, em Montmartre. Uma vez — recordo-me bem — ao saír de minha casa para a visita quotidiana, deparou-se-me, à esquina da rua uma velha a vender abrunhos! Era uma megéra repelente, desdentada, de guedelha em farripas e um fartum a suor que metia mêdo. Mas vendia abrunhos! Abrunhos! Senti saüdades de Portugal e comprei-lhe uma dúzia dêles que fui comendo pelo caminho.

O grande ilustrador Stuart Carvalhais

«Ao chegar ao *atelier* do Stuart, pressenti-lhe uma certa contrariedade; ficou impaciente, nervoso, mal disposto. Ora eu sabendo de gingeira as diabruras de amor que o nosso Stuart tinha praticado em Paris, fiquei logo com a pedra no sapato! Tento! Aqui anda mulher... E disse-lho! Stuart então, numa grande intimidade, confessou-me o segrêdo da recepção pouco lisongeira que me dera. Que sim! Que estava à espera de uma dama! A entrevista fôra marcada para as onze horas... Eram dez e meia...

«Senti-me agitado por uma grande curiosidade... Quem seria a felizarda? A princesa Z...? M.elle Y..., estrêla do Casino? Alguma pintora? Qualquer «Dama das Camélias» famosa que visse no Stuart o seu Armando Duval? E tão poderosa era em mim essa curiosidade que cometi a incorreção de esperar, demorando-me a todos os pretextos — até que uma mão tamboricou na porta. Era ela, com tôda a certeza!

«Stuart, muito embaraçado, disse-me:

«— Eu bem te preveni! Como há-de ser isto agora?

«— Não tem importância — retorqui, contente como um rato. Oculto-me atrás daquele biombo; ela entra, tu leva-a para a outra sala e eu safo-me!

«E assim foi. Escondi-me; o Stuart, julgando talvez que eu não o espreitasse, foi ao pulverizador, perfumou-se; alisou os cabelos; abriu a porta... e entrou a velha desdentada, esfarripada e mal cheirosa que me tinha vendido os abrunhos, quando eu saíra de casa...»

Santa Rita riu-se dos outros, dos sisudos, de tôdas as burguesias, até a um quarto de hora da morte. Havia já um longo mês que uma febre o escaldava, no leito, sem se ter formulado ainda um diagnóstico certo que permitisse à sciência atacá-la proficuamente...

A família, assustada, reclamou uma conferência médica. Três médicos acudiram, auscultando-o, apalpando, investigando — para depois se reünirem junto a uma janela, numa conjura de murmurios. Santa Rita observava-os e ria-se da impotência scientífica e do atontamento que se espelhavam no seu rosto. Por fim, tentando ainda modelar a voz no tom protocolar das suas célebres *blagues*, chamou-os e preguntou-lhes:

— Ouçam, doutores... Isto não será febres de África?

Febres de África? E os três clínicos entreolharam-se na esperança de ter dado com a pista labirintica daquela misteriosa enfermidade. E um dêles indagou:

— O senhor esteve então em África?

— Eu? Nunca! Mas às vezes... São dessas coisas... Podia ser...

E enquanto os médicos, desiludidos, se enfrascavam no seu conciliatório, Santa Rita entrava risonho e feliz pela partida pregada, numa agonia suave; e um quarto de hora depois expirava.

REPÓRTER X.

— A máquina ainda não sei para que servirá!...